

**“Todo radialista é ouvinte”:
considerações sobre os papéis
desempenhados no universo
radiofônico**

Silvia Garcia Nogueira

Universidade Estadual da Paraíba
E-mail: silvianogueira_ri@yahoo.com.br

Resumo

Em geral, há uma tendência nos estudos sobre rádio em interpretar a categoria “ouvinte” como oposta à radialista. Outro pressuposto é o de que, em uma relação de poder construída, o radialista se sobrepõe ao ouvinte, já que o primeiro decide quem, o que e quando uma fala vai ao ar. Por fim, há uma inclinação a tratar os papéis de radialista e de ouvinte como invariáveis. Tendo por base uma pesquisa etnográfica realizada em Ilhéus (sul da Bahia) junto a emissoras de rádio ao longo de um ano, este trabalho pretende colocar em questão tais perspectivas, defendendo que os papéis sociais desempenhados na interlocução entre radialistas em atividade e ouvintes podem se alternar conforme a utilização de determinados códigos particulares a cada uma dessas posições por ambos. Pretende, ainda, estimular reflexões sobre o papel desempenhado pelo antropólogo nesse cenário.

Palavras-chave: rádio; antropologia dos meios de comunicação; Ilhéus.

Abstract

There is a general tendency in radio studies to treat the listeners as an opposed category to that of the radio announcer. Another assumption is that the announcer is located in a position of power above that of the listeners, as the first decides who, what and when something is broadcast. There is, thus, a tendency to treat these roles as invariable. Based on a year long ethnographic work in Ilhéus (southern Bahia), on radio stations, this essay seeks to problematize such assumptions, arguing that the social roles involved in the exchange between announcers and listeners can alternate according to the deployment of codes specific to each of the positions by both parties. It also aims to stimulate further reflection of the role played by the anthropologist in this scenery.

Keywords: radio; anthropology of mass media; Ilhéus.

Uma das funções do rádio apontadas em diversas pesquisas sobre recepção é a de que ele serve de companhia para pessoas solitárias. Desse modo, o rádio seria encarado pelos ouvintes como uma forma de driblar ou suportar a solidão – sentimento que é parte da existência humana (Dolto, 1998). Por meio de mecanismos simbólicos, o rádio ajudaria, portanto, na superação de perdas que desestabilizam o homem (Nunes, 1993): além da solidão, os problemas do dia a dia (Prata, 2004). O rádio funcionaria, assim, como uma espécie de melhor amigo (Dominick, 1979), substituindo as interações “reais” pelas interações com a mídia (Nordlund, 1979). Estas, porém, variariam conforme o estilo de vida particular da pessoa e do grupo de referência para ela (Dominick, 1979).

Indo um pouco mais adiante, alguns desses autores defendem que o rádio seria um importante promotor de sociabilidade. Serviria, então, como suporte para a pessoa organizar sua vida no mundo social quanto aos eventos do dia, fora de casa, nos quais a participação seria compartilhada com outras pessoas (Mendelsohn, 1979). Assim, o rádio serviria como um meio de conexão com a sociedade, na medida em que ligaria, por intermédio de relações afetivas, instrumentais ou integrativas, pessoas de diversos tipos (Katz et al., 1979).

No universo radiofônico, os contatos entre radialistas e ouvintes podem ocorrer por meios formais – cartas enviadas pelo correio ou entregues nas recepções das rádios, participações no ar por telefone ou pelos estúdios de transmissão – e informais – telefonemas fora do ar e encontros fora das rádios com objetivos que não girem em torno das atividades radiofônicas em si. As finalidades dos contatos também podem variar (motivos profissionais ou particulares),

assim como os tipos de relações que se desenvolvem (profissionais, amorosas, de amizade) e os tempos de duração dos laços estabelecidos entre eles.

Nesse sentido, pode-se dizer que, para entender esse universo, é preciso compreender o rádio não somente como um meio de comunicação de massa, mas em um sentido social mais amplo, com múltiplos significados. Tal reflexão vem sendo desenvolvida a partir de uma pesquisa de campo realizada em Ilhéus – um município do sul da Bahia com mais de 220 mil habitantes – sobre os meios de comunicação locais, ao longo de 11 meses, divididos em dois períodos: entre 2000 e 2002.¹ Como resultado, a investigação etnográfica alterou os níveis de percepção acerca da complexidade das relações que se estabelecem entre radialistas e ouvintes ou frequentadores do rádio.

A união das informações panorâmicas obtidas no primeiro período da pesquisa com os dados mais específicos no segundo permitiu um entendimento maior do modo como cotidianamente os acontecimentos concretos nas emissoras referem-se simultaneamente a uma estrutura social mais ampla e a um momento de interação específico. Foi justamente essa percepção que tornou possível a pretensão de tentar construir uma análise do que seja não tanto o “mundo”, mas o universo do rádio em Ilhéus, dentro do qual gravitam diferentes atores sociais com variados propósitos e expectativas.

A noção de universo implica compreender aquela realidade recortada para análise de um modo tal que as fronteiras que definem seus limites não podem ser cristalizadas. Isso porque, conforme a etnografia realizada indica, os limites desse universo não podem ser precisamente definidos nem pela natureza do próprio meio (a imprecisão do alcance das transmissões, a falta de conhecimento sobre todos os que efetivamente ouvem rádio e de que modo, os efeitos instantâneos e de longo prazo dos conteúdos veiculados sobre os ouvintes) nem pela dinâmica das emissoras e dos profissionais em interação entre si e com diversos outros segmentos da vida social em que estão inseridos.

Diante da fluidez e das várias configurações possíveis das fronteiras do universo radiofônico, é possível pensar também no modo

“Todo radialista é ouvinte”: considerações sobre os papéis desempenhados no universo...

como os integrantes desse universo posicionam-se dentro de uma rede de relações sociais e na maneira como se comportam em relação aos outros da rede. Assim, os papéis desempenhados por radialistas e ouvintes são afetados diretamente pelas características próprias do meio em que estão inseridos.

Ao analisar teoricamente a noção de “papel”, Becker (1977) lembra o caráter de dinamismo que o conceito carrega, sendo algo mais do que um “status”, este identificado com um papel histórico. Essa ideia serve para pensar em um tipo de situação concreta que ocorre entre os radialistas, embora pouco discutida entre eles e os estudiosos do rádio. Trata-se da questão de perceber os radialistas desempenhando um papel que, pode-se dizer, é diametralmente oposto ao seu e em contraste com o qual define o seu próprio como radialista: o de ouvinte.²

Por outro lado, a frequência do contato com os radialistas e a inserção cotidiana no universo radiofônico possibilitam aos ouvintes a aquisição de um *savoir-faire* específico, uma vez que passam a conhecer e a utilizar códigos particulares ao meio, como o uso de jargões profissionais e a adequação ao ritmo e ao tempo da transmissão dos conteúdos no rádio. Nesse sentido, muitas vezes é possível perceber, então, ouvintes comportando-se como radialistas.

Avançando diante dessa espécie de relativização quanto aos papéis desempenhados no universo radiofônico – em Ilhéus em particular, mas também em qualquer outro local –, percebe-se que há ainda um outro agente a ser investigado, em especial quando se trata de um estudo cuja opção metodológica é a observação – participante: o etnógrafo. Este, ao conviver com a rotina de seus “objetos de pesquisa” e participar ativamente dela, simultaneamente afeta o meio em que está inserido e é por ele afetado. Sendo assim, vem-se durante o período de trabalho de campo desempenhando simultaneamente, ora de modo sobreposto, ora alternadamente, os papéis de radialista, ouvinte e analista.

Diante desse quadro, ao mesmo tempo analítico e empírico, este trabalho pretende iniciar uma discussão etnográfica a respeito do caráter dinâmico da alternância de papéis desempenhados no cotidi-

ano do rádio, tendo como ponto de partida três casos exemplares ocorridos em Ilhéus. Com isso, procurar-se-á estimular uma reflexão crítica sobre a rentabilidade da perspectiva de transformação dos agentes sociais em questão em modelos científicos engessados muitas vezes por meio da operação analítica.

Essa opção não significa que não existam particularidades próprias comuns a determinadas pessoas a quem são atribuídos os pertencimentos a um grupo específico, o de radialista, ouvinte ou antropólogo, e tudo o que isso afeta. No caso dos radialistas, a identificação indivíduo – universo profissional é definida por meio de muitas frentes, variando desde a legislação profissional, que indica quem é ou não formalmente radialista, até o que poderíamos chamar de um estilo, um jeito de ser, em determinadas ocasiões. Antes, o que se defende é que essas são marcas importantes na vida real das pessoas identificadas como radialistas, embora não definam necessariamente todas as ações, as visões sobre a realidade experimentada, os sentimentos, as condutas e os valores que, em última instância, compõem o que as pessoas são e como se posicionam no mundo.

Concepções nativas acerca das categorias “radialista” e “ouvinte”

A dinâmica diária das atividades radiofônicas faz com que emissores, receptores e mensagens variem não somente em uma linha horizontal de continuidade temporal como também em uma direção vertical, sincrônica. Quando a complexidade do ato comunicacional é enfatizada, colocam-se em xeque as tradicionais e genéricas categorias utilizadas para se falar dos sujeitos do rádio. Dentro desse universo de diversidades de intenções e interações, as divisões analíticas referentes à oposição radialistas *versus* ouvintes não são suficientes para a compreensão do que ocorre quando pessoas entram em e entretêm relações por meio desse veículo.

Mesmo quando se deseja fazer generalizações, é preciso ter cuidado com as categorias utilizadas bem como – e principalmente – com as referências ao contexto ao qual estão referidas. “Ouvinte”,

“Todo radialista é ouvinte”: considerações sobre os papéis desempenhados no universo...

por exemplo, é um significante que pode corresponder à ideia abstrata de um receptor sem rosto, mas também a alguém que, além de ter conhecida sua condição na interlocução inicial, possui um nome. Ou, além de ter um nome, tem conhecida a voz. Ou ainda, além do nome e da voz, se conhece pessoalmente. Por fim, além disso, pode ser alguém com quem se tem intimidade (o que também varia em graus). Quando a intimidade entre os agentes atinge seu limite, sendo demasiada, deixa-se de ser considerado ouvinte. Este se torna, assim, amigo(a), namorado(a), marido (esposa), a despeito de continuar a ouvir o programa ou a emissora como sempre.

Em Ilhéus, no plano concreto, geralmente quando uma ouvinte³ que participava por telefone de um programa específico tornava-se namorada, amante ou esposa do locutor ou operador, uma das regras principais, embora não formalizada, era deixar de participar como ouvinte. Nos casos em que isso ocorria, havia um problema que devia ser resolvido na relação, em que o radialista deixava claro que ela devia separar as coisas, pois o que ele fazia era da esfera do trabalho e a mulher (amante, namorada ou esposa) pertencia à esfera privada. Seguindo a linha interpretativa de Goffman (1975, p. 129), assim como é “conveniente aos indivíduos executarem seus diversos papéis diante de diferentes pessoas”, é também conveniente “separar as diferentes platéias que alguém tenha para o mesmo papel”. Quando não ocorre tal separação, o risco é a ocorrência de problemas na direção das impressões que o ator quer causar. Desse modo, se um dos instrumentos de “fachada pessoal” – outro termo de Goffman – utilizados pelo radialista é a sedução, a ligação da namorada ou mulher pode representar um obstáculo à representação dele, deixando-o irritado com essa interferência na interação estabelecida entre ouvintes e radialistas.

A designação dos significados atribuídos ao “ouvinte” depende, portanto, do nível de proximidade estabelecido entre os que são da rádio e os que não são. Chagas (1993, p. 58-59) estabelece categorias diferenciadas para dar conta dessa diversidade: ouvintes-solicitantes (buscam prestação de serviços, vão à emissora), ouvintes-doadores (ouvem os apelos feitos e doam o que está sendo pedido) e ouvintes-

participantes (se dirigem à rádio com mais frequência, autodenominando-se “fregueses da casa”). Aqui, a opção é pela não construção de uma tipologia, uma vez que nem radialistas nem ouvintes referem-se diferenciadamente por meio de categorias distintas. As descrições e os comentários das situações é que possibilitam perceber as diferenças de proximidade e participação.

Segundo uma classificação em Ilhéus, existem: a) os que só ouvem, sem ir fisicamente às emissoras, e não interagem com os profissionais da emissora;⁴ b) os que só participam por telefone, uma vez, esporadicamente ou sempre; c) aqueles que frequentam o recinto e são ouvintes; d) os que já são conhecidos pela frequência constante; e) os que só foram uma vez ou raramente vão; f) os que frequentam a recepção, mas não têm acesso ao estúdio; g) os que têm acesso ao estúdio; e h) os que fazem pequenas participações no ar no estúdio, falando em nome de suas comunidades ou contando seus dramas pessoais.

Entre os de dentro, os “da casa”,⁵ estão: a) os locutores que têm obrigação de falar no ar, pois essa é a função do cargo ocupado; b) os operadores que não falam no ar, mas que atendem às ligações dos ouvintes fora da transmissão, passando as ligações para os locutores e, muitas vezes, fazendo “amizades” com os ouvintes; c) os locutores que são também operadores dos seus próprios programas⁶ ou operadores que, por determinadas circunstâncias, ocupam a função de locutores; d) os funcionários administrativos que fazem pequenas participações, como dar a hora certa ou falar dos aniversariantes do dia; e e) os frequentadores que gostam muito de rádio e, pela presença constante e relação com o locutor do programa, ajudam-no em suas tarefas, participando da produção.

A categoria “radialista” refere-se basicamente a locutores e operadores de áudio. Técnicos, operadores de transmissores e pessoal administrativo usualmente, do ponto de vista do *status* e do prestígio social, não são tratados pela categoria “radialista”: *trabalham em rádio*, ganhando atribuições como técnicos e operadores, nos primeiros casos, e secretária, recepcionista etc., de acordo com o cargo ocupado.

“Todo radialista é ouvinte”: considerações sobre os papéis desempenhados no universo...

Há, ainda, um outro grupo de pessoas que circula por esse universo. São os que vão às rádios constantemente com propósitos específicos de falar de determinados assuntos: líderes comunitários, secretários municipais, delegados de polícia, técnico do time local, entre outros. A principal característica é serem percebidos como “autoridades”, que falam em nome de e/ou para uma coletividade. Eles podem ser convidados pela emissora para falar ou podem procurá-la quando possuem algum interesse específico.⁷

Por fim, no fluxo diário de pessoas que procuram as emissoras de rádio, muitas delas pretendem falar de seus dramas pessoais, suas histórias particulares, fazer apelos e denúncias no ar. A duração desse contato com a rádio depende do objetivo do recurso ao meio e do julgamento do responsável pelo programa de que o assunto está esgotado. A relação pode durar alguns minutos ou dias,⁸ dependendo dessa equação. Entre essas pessoas estão aquelas de passagem pelo município e moradores. A principal característica desse grupo heterogêneo é o não contato permanente, o não estreitamento do vínculo estabelecido com os radialistas. Pode-se dizer que a natureza da relação é superficial e pontual, sendo determinada por uma circunstância particular.

Três casos exemplares de alternância de papéis⁹

O primeiro caso a ser analisado em que se pode perceber os mecanismos envolvidos na alternância do papel desempenhado por um radialista corresponde a uma situação envolvendo um profissional casado. Seu relato foi a mim confiado como um segredo.

Ele é casado e tem filhos. À noite, ia para uma escola pública para terminar seus estudos. Na volta, automaticamente ligava o rádio sempre no mesmo horário, sintonizando em uma estação de um município próximo a Ilhéus. Ficava acordado até de madrugada esperando o horário do programa de uma locutora de quem ele se dizia fã e de quem gostava muito da voz. Ele me contou que no começo só ouvia. Depois começou a ligar para a rádio para falar com ela rapidamente e pedir músicas, sem dizer que era radialista.

As conversas ao telefone, então, foram ficando cada vez mais íntimas, até que combinaram que ele iria até o município onde ela morava para conhecê-la. Eles se encontraram, e ele diz que namoram “quando dá”. Nem a esposa nem os colegas sabem de nada.

O interessante do caso, quando ouvi seu desabafo, foi perceber como as descrições e as emoções que envolveram o relato assemelharam-se a vários outros narrados pelos ouvintes. Falei disso com ele, que me respondeu de modo simples e direto dando a chave para a compreensão da situação: “quando eu ouço a rádio e ligo para lá, eu sou um ouvinte; quando eu estou na rádio fazendo meu programa, eu sou radialista”.

A explicação nativa, então, parece remeter à dinâmica apontada por Becker (1977). Embora os *status* tenham uma tendência a serem fixos, os papéis remetem aos comportamentos concretos dos agentes sociais. Esses comportamentos são, portanto, ditados pelas situações e pelos tipos de interação, que envolvem, lembrando Goffman (1975), a manipulação das impressões causadas. Assim, quando ouvem rádio e participam de programas de rádio, portanto se comportam como ouvintes, os radialistas são ouvintes. Quando exercem seus ofícios e norteiam suas condutas como radialistas, são radialistas.

Há, ainda, outros aspectos envolvidos, como conta outro radialista:

Quando você põe uma música pra alguém ouvir, quem primeiro tá ouvindo é você, então você tem que colocar uma música que te agrada. Se você tá fazendo um programa inspirado, tá de bem com a vida, você tem tudo pro seu programa crescer. É como jogador de futebol: se você joga bem, você vai crescer em campo.

Jogar bem significa dominar com maestria os códigos comuns, adequando comportamentos e condutas às situações do jogo. Sendo assim, da mesma forma que ouvintes incorporam em sua relação construída junto aos radialistas a linguagem do rádio (pedem para “mandar alô”, fazem “denúncias”, “apelos” e “pedidos”, termos profissionais)¹⁰ para poderem participar daquele universo, quando se colocam no jogo, os radialistas lançam mão dos recursos de que dispõem os ouvintes, adotando os mesmos procedimentos.

“Todo radialista é ouvinte”: considerações sobre os papéis desempenhados no universo...

Além de o gosto pessoal servir como referência para a execução de tarefas profissionais, a noção de que os radialistas são, antes, ouvintes pode ser encontrada nos motivos de ingresso e nos dilemas enfrentados na carreira, nas práticas de avaliação dos colegas e nos comportamentos adotados durante a interação com os ouvintes. Assim, os radialistas tendem a colocar no ar as músicas que gostam de ouvir; avaliam as pessoas com quem conversam por telefone no ar e fora do ar pelos mesmos critérios que os ouvintes fazem em relação às vozes do rádio (gerando imagens quanto aos atributos físicos relacionados aos diferentes tipos de vozes); criam expectativas e se emocionam com os depoimentos dos ouvintes; utilizam artifícios próprios do meio para se comunicarem, mandam “recados, alôs” e vivem a atmosfera do rádio como uma realidade diferente da vivida quando estão fora de lá.

O segundo caso a ser analisado corresponde ao de uma ouvinte fiel a uma emissora¹¹ que utiliza vários artifícios e códigos profissionais quando é permitida sua participação no ar.

Susana tem 20 anos e ouve uma emissora AM do município “o dia inteiro”, segundo suas palavras: liga o rádio ao acordar e deixa-o assim até a hora de sair para trabalhar no comércio local, em que também sintoniza a emissora. Ao chegar em casa, diz que a primeira coisa que faz é ligá-lo novamente, até finalmente desligá-lo na hora de dormir. Ao longo do dia, em casa ou no trabalho, diz que faz inúmeras participações, por telefone, nos diversos programas.

Conhecida por todos os operadores e locutores da emissora, a ouvinte diz que, embora goste mais dos programas de variedades, em que há mais espaço para a população participar, também liga para os programas policiais e jornalísticos. Para cada um deles diz que procura selecionar o tipo de mensagem a ser veiculada. Nos programas de variedades, escolhe músicas, pede para os locutores “mandarem alô” para algum parente, amigo ou namorado, faz algum “pedido” no ar ou dá uma opinião sobre uma “pesquisa” lançada pelo locutor. Nos programas policiais e nos jornalísticos, faz “denúncias”.

O interessante é notar que, quando a ouvinte liga para a emissora e geralmente é atendida pelo operador de áudio fora do ar, antes

de ser encaminhada ao locutor para falar no ar, a conversa já se inicia com a orientação dela sobre sua intenção de “mandar alô”, “fazer pedido” ou “fazer uma denúncia”. O domínio desses códigos com seus referidos significados serve como um facilitador para sua inserção no universo profissional do rádio. Uma vez atendida pelo locutor no ar, a entonação da voz, a forma de estruturar o relato e o ritmo em que o conteúdo da mensagem é transmitida tendem a obedecer aos modelos construídos pelos radialistas. Nesses instantes, os próprios profissionais passam também a avaliar os ouvintes segundo critérios específicos ao meio: dicção, clareza, emoção do relato.

Por fim, ocorre ainda um outro fenômeno: os ouvintes que participam muito dos programas de uma emissora também passam a ser conhecidos e reconhecidos por outros ouvintes. Quando isso ocorre, de algum modo os ouvintes deixam de pertencer à categoria de público anônimo, de massa, para se aproximarem à posição vivida pelos radialistas – graças à visibilidade garantida pelos meios de comunicação de massa – como “personalidades”.¹²

O terceiro caso refere-se à minha própria experiência como pesquisadora. Meu *status* no campo junto aos radialistas variou de “Silvia, pesquisadora do Rio de Janeiro sobre os meios de comunicação” – no início do período da primeira fase da pesquisa em Ilhéus – para “Silvinha, nossa amiga” – a partir da volta ao campo. Ser a pesquisadora ou a amiga dependia sempre da situação em que eu me encontrava, uma vez que ora me identificavam como alguém “de fora”, ora como alguém “de casa”. Ser “de fora” me garantia muitas vezes o acesso a segredos que os nativos não poderiam saber, mas também gerava um relativo grau de desconfiança. Ser “de casa”, do mesmo modo, tanto permitia meu acesso a certas informações íntimas e particulares, além da confiança depositada para pagar contas da emissora ou ficar com as chaves da rádio, quanto gerava uma relativa preocupação com a possibilidade de eu fazer fofoca.

Entre os integrantes da rede social formada no universo do rádio, o princípio da confiança é que organiza o cotidiano do grupo – em um mecanismo semelhante ao que ocorre com os piaroas, entre os quais a confiança pertence ao domínio da intimidade, da proximi-

dade, construindo laços entre seus membros (Overing, 1999). Nessa direção, então, confiança relaciona-se a um tipo de socialidade baseada na “domesticação” do poder, personalizando-o e atribuindo ao ator individual, e não ao grupo, a responsabilidade por tal domesticação. Conseqüentemente, o poder converte-se em uma questão de confiança – ou desconfiança – pessoal. Dessa maneira, a vida comunitária passa a apoiar-se fortemente na criação de relacionamentos individuais de confiança.

Sendo assim, na convivência diária, com a construção cotidiana de uma relação que se iniciou formal e terminou solidificada em bases de amizade, fui sendo incorporada ao universo do rádio, em particular junto a duas emissoras AM. Passava, então, a ser detentora de um importante capital simbólico: a confiança dos poderosos – no sentido empregado por Overing (1999) – daquelas redes de relações.

Se quando eu cheguei ao município fui entrevistada por vários apresentadores de programas como voz especialista analisando várias questões (temas de novela, política etc.), ao longo do tempo passei a atender a ouvintes que visitavam as emissoras, ajudei a produzir programas, fiz sorteios de prêmios no ar, entre outras atividades internas.

Minhas participações no ar – no rádio os profissionais só passam a existir para o público por meio da transmissão da voz – renderam-me reconhecimento dos ouvintes. Descobri isso quando, para minha surpresa, uma ouvinte foi visitar a emissora em que eu me encontrava e, antes de o locutor completar a apresentação sobre quem eu era, ela interrompeu-o: “sei quem é, Silvia, a pesquisadora do Rio de Janeiro”. Cenas como essa passaram a se repetir também na rua, envolvendo pessoas que já haviam me encontrado nos estúdios das emissoras.

Paralelamente, os profissionais do rádio passaram a me ensinar o ofício, mostrando exercícios para melhorar a dicção, o ritmo em que eu deveria falar (eles achavam que eu falava muito rápido), o funcionamento de toda a parte de operação do áudio (o que gerou desconfiança em um operador que achou que eu iria substituí-lo) e outras dicas sobre como ser radialista. Ao mesmo tempo, fui sendo afetada sonoramente pelo meio radiofônico, passando a julgar as

pessoas primeiramente pela voz (entonações, ritmos, emoções) e desenvolvendo certa sensibilidade auditiva inexistente até então, inclusive formando um gosto musical próximo ao local (particularmente referente a músicas tocadas nas emissoras AM).

Em contrapartida, alguns deles pediam ajuda para elaborar pautas, redigir roteiros de programas, selecionar músicas, atender a ouvintes etc. Como me disse um radialista, por ocasião da minha despedida, “vou sentir falta de você no estúdio, na rádio. Você se tornou parte do programa. Toda a vez que olhar para aquela cadeira [onde eu me sentava] vai parecer que está faltando algo”. Esse sentimento de vazio por um longo tempo também foi compartilhado, uma vez que, logo depois de voltar da pesquisa de campo, eu tinha a sensação cotidiana de que estava faltando algo...

Jogo de papéis na liminaridade

Os três casos extraídos da experiência de pesquisa em Ilhéus são exemplares de uma situação que, acredita-se, ultrapassa os domínios locais. Pensando a cadeia de comunicação como um todo envolvendo os diferentes atores sociais e tratando o rádio como um veículo produtor de sociabilidade, percebe-se que o pertencimento a uma das categorias fixadas previamente – ser radialista, ser ouvinte ou ser analista – funciona como uma espécie de referência principal para os agentes envolvidos, e não como as grades de uma prisão que regula totalitariamente seus comportamentos.

Tal observação relativamente óbvia implica a percepção de que é justamente na região liminar entre as fronteiras que separam os diferentes *status* e papéis sociais que os códigos pertencentes a cada um deles passam a ser intercambiáveis, possibilitando a comunicação e gerando sociabilidade. É nessa zona “entre” que o jogo de troca de papéis entre radialistas, ouvintes e, por que não, analista ocorre. Assim, o radialista quando ouve rádio é ouvinte, o ouvinte quando fala no ar procura se comportar semelhantemente ao radialista e a analista desempenha ambos os papéis, além do seu próprio.

“Todo radialista é ouvinte”: considerações sobre os papéis desempenhados no universo...

As posições ocupadas na interlocução entre os distintos atores se alternam, desse modo, na medida em que, de acordo com a situação concreta, ouvintes podem ter voz ativa no ar e radialistas fora do ar podem desempenhar o papel de ouvintes de outros programas e de fãs de outros radialistas. Isso somente é possível pela utilização de determinados códigos particulares a cada uma dessas posições por ambos. Assim, tem-se que o que determina a posição ocupada é o cenário, os atores envolvidos e as situações interativas no universo do rádio.

Essa operação é possível graças ao desenvolvimento involuntário de uma sensibilidade compartilhada com o outro, conforme Goldman (2003) chama a atenção, com quem se mantêm relações de algum modo duradouras e se dividem experiências comuns. As formas como os atores sociais desempenham os vários papéis, no entanto, correspondem às particularidades das interpretações que cada um possui do que seja cada um dos papéis.

Entre as experiências compartilhadas por ouvintes e radialistas estão incluídas a audição e a participação ao longo da programação, com trocas de recados, músicas dedicadas e *alôs* para os amigos, parentes e outras pessoas a quem se dedica alguma mensagem veiculada no rádio. Através da participação nos programas de rádio, as interações entre os agentes, e destes com outros que ultrapassam o dualismo da relação radialistas – ouvintes, correspondem a meios legítimos de reafirmação dos laços sociais existentes entre os participantes daquela rede formada tanto fora quanto dentro do universo radiofônico propriamente dito.

Por meio da difusão de mensagens direcionadas a receptores precisos e conhecidos, ocorre um processo de reafirmação das redes de relações sociais existentes. O mecanismo que torna esse processo possível é a referência endogâmica e circular dos sujeitos da rede entre si, que obedece a uma lógica de reciprocidade de mensagens enviadas e recebidas. Tem-se, assim, que a construção da coesão da rede ocorre tanto através de práticas cotidianas e do convívio social face a face (no bairro, na escola ou em outro lugar de sociabilidade qualquer em que costumam se encontrar) quanto pelo

compartilhamento de uma experiência comum, como participar de programas de rádio lembrando-se dos amigos, apesar da ausência física.

Mesmo distantes fisicamente, os participantes da rede sentem que continuam unidos quando estão de diversos modos no ar. Pode-se dizer, portanto, que, do ponto de vista da sociabilidade do grupo, há uma linha de continuidade das interações estabelecidas que coloca no mesmo patamar os encontros face a face e os diálogos mantidos por meio do rádio. Todas são formas reconhecidas e utilizadas de interação daquela rede de amigos.

Mais do que um mediador entre as pessoas do grupo, o radialista pode acabar sendo capturado pela rede: por intermédio de conversas telefônicas fora do ar, em que fala mais intimamente com os ouvintes, torna-se também um amigo, podendo vir ou não a conhecer pessoalmente seus ouvintes. Cria-se entre eles, então, intimidade, condição fundamental para participar dessa rede de amizade.

Obviamente nem todos os que participam dos programas se relacionam de modo tão direto com outras pessoas do seu mundo social por meio do rádio, nem todos os radialistas tornam-se amigos dos ouvintes. Em uma grande parte das situações, embora a criação de um clima de intimidade seja componente do próprio desenvolvimento das atividades no rádio e a experiência da escuta do rádio possa ser individual, as relações estabelecidas pelo rádio são muitas vezes construídas exatamente pela assimetria e pela diferenciação existentes entre radialista e ouvinte, com seus respectivos *status* e papéis sociais.

A explicação para isso pode ser justamente o fascínio que o universo sonoro, público e, de certo modo, lúdico exerce sobre ouvintes e – por que não?! – radialistas. Sob tal ótica, em vez de o rádio servir como meio de estreitar laços sociais, é percebido como uma forma de fugir da realidade concreta vivida, tornando-se não um meio de resolver problemas do dia a dia, mas uma maneira de superar as perdas que desestabilizam o homem (Nunes, 1993).

Considerações finais

A variedade de possibilidades de relações, incluindo-se aí também as estabelecidas com e pela analista, engendrou a adoção de uma perspectiva interacionista como opção metodológica para a avaliação do jogo de alternância de papéis. Nesse sentido, aproximou-se, assim, do tipo de abordagem definida por Blumer (1971) como relacionada a três premissas: o comportamento humano fundamenta-se nos significados dos elementos do mundo; a fonte dos significados é a interação social; e a utilização dos significados ocorre através de um processo de interpretação.

Para Goffman (1975), que, além deste trabalho sobre rádio, inspirou outros estudos sobre mídia (Altheide, 1985; Ericson et al., 1989; Meyrowitz, 1985), a interação pode ser definida como toda intenção que ocorre em qualquer ocasião, quando, num conjunto de indivíduos, uns se encontram na presença imediata de outros. Quando isso ocorre, suas ações influenciarão a definição que se vai apresentar. Quando um indivíduo desempenha o mesmo movimento para o mesmo público em diferentes ocasiões, “há a probabilidade de surgir um relacionamento social” (Goffman, 1975, p. 24), pois ele executa uma representação em um período caracterizado pela sua presença contínua junto a esse público sobre o qual exerce alguma influência.

Fora da presença do público, do mesmo modo, nos bastidores ou fora dos cenários das rádios, também ocorrem interações contínuas, com tempos de durações variáveis, formando outros tipos de relações. Como observado pelo autor, “assim como é conveniente executar os diversos papéis do indivíduo diante de diferentes platéias, também é conveniente separar as diversas platéias que alguém tenha para o mesmo papel” (Goffman, 1975, p. 129).

O presente estudo, portanto, foi construído a partir das observações diárias das interações desenvolvidas nas emissoras de rádio e fora delas, desde que envolvessem de algum modo os radialistas e seus relacionamentos sociais, nos termos apontados por Goffman (1975). A percepção deste trabalho do que é o universo do rádio em Ilhéus e de quem são os radialistas que o integram foi construída tendo por base a análise das situações em que os atores principais

(radialistas) desempenhavam com destreza em suas representações seus papéis junto à plateia (os outros com quem interagem), tentando manter o controle das impressões.

Do mesmo modo, tal pressuposto vale ainda para o desempenho de ouvintes, que frequentavam ou participavam dos programas de rádio, e da analista, para suas respectivas plateias. Portanto, as impressões causadas é que definiam, em grande medida, o estabelecimento e a manutenção dos relacionamentos sociais de diversas naturezas e, por vezes, simultâneas – profissionais, amorosas, religiosas, de amizade, por interesses financeiros e políticos –, construídos a partir do desempenho dos diferentes papéis.

Finalmente, a pesquisa etnográfica permitiu observar ainda que, no cotidiano das interações sociais nas e por meio das rádios, a alternância de desempenho de papéis ocorreu pelo compartilhamento de códigos aparentemente específicos – um saber profissional relacionado ao ofício de radialista, uma dinâmica própria dos comportamentos de ouvintes e chaves interpretativas específicas do campo antropológico – que possibilitou um diálogo de todos com todos e, em última instância, a constituição do próprio universo radiofônico em Ilhéus – quiçá, em outros contextos sociais também.

Referências

- ALTHEIDE, David. *Media Power*. Beverly Hills: Sage, 1985.
- BECKER, Howard S. *The Sociological Work: Method and Substance*. New Brunswick: Transaction Books, 1977.
- BLUMER, Herbert. A massa, o público e a opinião pública. In: COHN, Gabriel (Ed.). *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Edusp, 1971.
- CHAGAS, Miriam de Fátima. 1993. *Uma mão lava a outra: a interação de grupos populares com a rádio farroupilha*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1993.
- CHAMPAGNE, Patrick. A visão mediática. In: BOURDIEU, Pierre (Org.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997.

“Todo radialista é ouvinte”: considerações sobre os papéis desempenhados no universo...

DOLTO, Françoise. *Solidão*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DOMINICK, Joseph R. The Portable Friend: Peer Group Membership and Radio Usage. In: GUMPERT, Gary; CATHCART, Robert (Ed.). *Inter/Media: Interpersonal Communication in a Media World*. Oxford: Oxford University Press, 1979. p. 99-107.

ERICSON, Richard V. *et al. Negotiating Control: A Study News Sources*. Toronto: University of Toronto Press, 1989.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975.

GOLDMAN, Marcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos: etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. *Revista de Antropologia*, v. 46, n. 2, p. 445-476, 2003.

GUEDES, Simoni Lahud. O rádio na interlocução com os valores dos trabalhadores: os ‘casos’ em um programa popular. In: VIII REUNIÃO DE ANTROPÓLOGOS DO NORTE E DO NORDESTE, 4 jul. 2003, São Luís. GT 12 Antropologia e Comunicação.

KATZ, Elihu *et al.* Utilization of Mass Communication by the Individual. In: GUMPERT, Gary; CATHCART, Robert (Ed.). *Inter/Media: Interpersonal Communication in a Media World*. Oxford: Oxford University Press, 1979. p. 215-228.

MENDELSON, Harold. Listening to Radio. In: GUMPERT, Gary; CATHCART, Robert (Ed.). *Inter/Media: Interpersonal Communication in a Media World*. Oxford: Oxford University Press, 1979. p. 89-98.

MEYROWITZ, Joshua. *No Sense of Place: The Impact of Electronic Media on Social Behavior*. New York: Oxford University Press, 1985.

NORDLUND, Jan-Erik. Media Interaction. In: GUMPERT, Gary; CATHCART, Robert (Ed.). *Inter/Media: Interpersonal Communication in a Media World*. Oxford: Oxford University Press, 1979. p. 175-191.

NUNES, Mônica Rebeca Ferrari. *O mito no rádio: a voz e os signos de renovação periódica*. São Paulo: Annablume, 1993.

OVERING, Joanna. O elogio do cotidiano: a confiança e a arte da vida social em uma comunidade amazônica. *Mana: Estudos de Antropologia Social*, v. 5, n. 1, p. 81-108, 1999.

PRATA, Nair. Na hora das estrelas: as ondas do rádio invadem a solidão dos ouvintes. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 1, n. 1, p. 72-89, 2004.

Notas:

- ¹ A pesquisa de caráter etnográfico resultou na tese de doutorado.
- ² De algum modo, Champagne (1997) aponta para algo semelhante em relação a jornalistas e leitores do jornal quando diz que os jornalistas escrevem para eles mesmos, para serem lidos por seus pares.
- ³ O exemplo utilizado envolve uma ouvinte – gênero feminino – e não um ouvinte, devido ao fato de casos como o relatado serem mais comuns entre ouvintes mulheres do que homens. No entanto, embora mais incomum, casos semelhantes também ocorreram com ouvintes homens.
- ⁴ Este tipo de ouvinte enquadrar-se-ia, segundo a classificação de Goffman (1975), no que ele chama de tipo marginal de plateia inconsistente, que corresponderia àqueles indivíduos que não estão em contato face a face durante a representação, mas que respondem a ela de maneira independente.
- ⁵ Ser “de casa” é uma designação nativa que significa compartilhar códigos comuns e também merecer a confiança do grupo para ter acesso a informações e segredos restritos àquele universo social. Tal como nesse termo, toda vez que, ao longo deste texto, alguma palavra ou expressão aparecer grifada significa que corresponde a uma palavra ou expressão utilizada pelos nativos.
- ⁶ Todos os locutores de FM local operam seus próprios programas e, por isso, possuem salários maiores. Nas emissoras AM, alguns locutores são também operadores de seus programas e/ou de programas de outros locutores. Segundo um dono de emissora AM, “cada vez mais nós queremos profissionais que sejam capazes de fazer tudo”.
- ⁷ Muitas pessoas procuram as emissoras de rádio como estratégias para obtenção de visibilidade para si ou para questões que julgam merecerem ser conhecidas por um número maior de pessoas. As rádios podem tornar-se, para alguns atores sociais, o último recurso para serem ouvidos e terem seus pedidos atendidos.
- ⁸ De acordo com Guedes (2003), as emissoras de rádio funcionam por meio de histórias denominadas “casos”. Os personagens envolvidos nos “casos” participam do drama apresentado.
- ⁹ Como é de praxe na pesquisa antropológica, os nomes e eventualmente os sexos dos informantes citados são ou podem ser fictícios para a garantia do anonimato das fontes.
- ¹⁰ No jargão local, “mandar alô” significa fazer uma saudação, citando o nome dos que serão saudados; a intenção de um “alô” é mostrar que aquela pessoa, objeto do “alô”, está sendo lembrada publicamente. O “pedido” corresponde a uma solicitação de algo ao público ouvinte para si ou para outrem; pode ser cadeira de rodas, cesta básica, passagem rodoviária etc. Por fim, “denúncia” corresponde à revelação pública de algo que, de modo geral, não corresponde ao esperado, do ponto de vista legal ou convencional; pode referir-se tanto a um vizinho que reúne todo final de semana um grupo de pessoas para fumar maconha (denúncia policial) quanto ao calçamento de uma rua realizado pela prefeitura que está se desfazendo (denúncia jornalística).
- ¹¹ São cinco as emissoras de rádio em Ilhéus: duas FM e três AM.

“Todo radialista é ouvinte”: considerações sobre os papéis desempenhados no universo...

- ¹² A atribuição de “personalidade” conferida ao radialista, especialmente ao locutor, não partia apenas do público, era uma percepção compartilhada e construída por ambos. Como sinais identificadores, comuns aos depoimentos coletados na pesquisa, estão o fato de darem autógrafos, serem convidados para participar de festa de “gente que nem conheciam” e receberem visitas nas rádios de “pessoas de longe” só para conhecê-los. A “popularidade – alcançada “ que pode ser traduzida, nesse sentido, como uma espécie de medição do quanto se era conhecido em termos quantitativos (“todo mundo na cidade me conhecia”) e de extensão (“pessoas de longe”) – também é identificada como uma característica peculiar às “personalidades”. A presença desses elementos, portanto, indicava para os radialistas que haviam se tornado uma delas.

Recebido em: 15/06/2008

Aceite em: 09/08/2008